



Revista Brasileira de Enfermagem

ISSN: 0034-7167

reben@abennacional.org.br

Associação Brasileira de Enfermagem
Brasil

Gomes Terra, Marlene; Padoin, Stela Maris de Mello; Hisako Takase Gonçalves, Lucia; Atherino dos Santos, Evanguelia Kotzias; Lorenzini Erdmann, Alacoque

O dito e o não-dito do ser-docente-enfermeiro/a na compreensão da sensibilidade

Revista Brasileira de Enfermagem, vol. 61, núm. 5, septiembre-octubre, 2008, pp. 558-564

Associação Brasileira de Enfermagem
Brasília, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=267019604005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O dito e o não-dito do ser-docente-enfermeiro/a na compreensão da sensibilidade*

The stated and non-stated on the part of the nurse-teacher being in the comprehension of sensibility

Lo dicho y lo no dicho del ser docente-enfermero/a en la comprensión de la sensibilidad

Marlene Gomes Terra¹, Stela Maris de Mello Padoin¹, Lucia Hisako Takase Gonçalves¹,
Evangelia Kotzias Atherino dos Santos¹, Alacoque Lorenzini Erdmann²

¹Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS

²Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC

Submissão: 13/02/2007

Aprovação: 01/08/2008

RESUMO

Este estudo tem o objetivo de descrever o dito e o não-dito na compreensão da sensibilidade do ser-docente-enfermeiro/a no ensino da Enfermagem. Buscou-se na fenomenologia o referencial teórico-filosófico de Maurice Merleau-Ponty, e suporte metodológico na fenomenologia-hermenêutica de Paul Ricoeur. Foram entrevistados 19 docentes-enfermeiros/as de uma Instituição Pública de Ensino Superior do sul do Brasil, nos meses de novembro e dezembro de 2006. A análise dos dados evidenciou a sensibilidade como base para desenvolver o fazer, pensar, cuidar e pesquisar. Sem a sensibilidade, as relações e interações no ensino da Enfermagem não passarão de técnicas e teorias sobre o cuidado.

Descritores: Filosofia; Pesquisa qualitativa; Educação; Enfermagem.

ABSTRACT

This study aims to describe the stated and non-stated information in the comprehension of sensibility on the part of the nursing teacher-nurse being in the teaching of Nursing. The theoretical- philosophical reference was sought in the Phenomenology of Maurice Merleau-Ponty, and the methodological support was based on the hermeneutic phenomenology of Paul Ricoeur. Nineteen nursing teachers-nurses from a Public Institution of Higher Education in the south of Brazil were interviewed during the months of November and December 2006. Data analysis revealed sensibility as the base for the development of doing, thinking, caring and doing research. Without sensibility, the relations and interactions in teaching in Nursing will be only techniques and theories of healthcare.

Descriptors: Philosophy; Qualitative Research; Education; Nursing.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo describir lo dicho y lo no dicho en la comprensión de la sensibilidad del ser-docente-enfermero/a en la enseñanza de la Enfermería. Se buscó en la fenomenología el referencial teórico-filosófico de Maurice Merleau-Ponty, el soporte metodológico en la fenomenología-hermenéutica de Paul Ricoeur. Fueran entrevistados diecinueve docentes.-enfermeros/as de una Institución Pública de Enseñanza Superior del sur de Brasil, en los meses de noviembre y diciembre de 2006. El análisis de los datos evidenció la sensibilidad como base para desarrollar el hacer, pensar, cuidar e investigar. Sin la sensibilidad, las relaciones e interacciones en la enseñanza de la Enfermería no pasarán de técnicas y teorías sobre el cuidado.

Descriptores: Filosofía; Investigación cualitativa; Educación; Enfermería.

* Extraído da tese de doutorado "Significados da sensibilidade para o ser-docente-enfermeiro(a) no ensinar e aprender a ser e fazer enfermagem à luz da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty", apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em novembro de 2007, apoio bolsa PQI/CAPEs, Florianópolis (SC), Brasil.

INTRODUÇÃO

Na busca pela ampliação de nossa visão, como pesquisadoras, sentimos a necessidade de aprofundar estudos sobre a expressividade corporal do ser-docente-enfermeiro/a no ensino da Enfermagem e encontramos na fenomenologia merleau-pontyana um caminho no mergulhar do ser, quando se mostra a sensibilidade.

A expressividade corporal mostra o ser humano como um corpo-sujeito que sente e mostra as suas emoções, sentimentos e afetos. Também, anda, toca, fala revelando a manifestação dos fenômenos no interior das experiências vividas numa relação espaço-temporal com o outro. O corpo está inserido no mundo, como constituição da subjetividade e expressividade da linguagem. Esta é a tomada de posição do sujeito no mundo de suas significações e o elo que o une ao outro. Quando fala, o ser humano aciona uma rede de significações, pois se utiliza das ações e expressões, dos gestos passados e aqueles que virão tecidos para o presente. É pela fala que o pensamento se expressa⁽¹⁾. A palavra é gesto e solicita ao corpo atenção da existência inteira, porque expressa uma intencionalidade e uma significação. A linguagem é a mediação entre a experiência e a consciência. Ela “comporta silêncios, lacunas, ela nos diz algo”⁽²⁾. Assim sendo, a linguagem envolve o dito e o não-dito.

Com base nessa compreensão merleau-pontyana, há uma mesma maneira de perceber o sensível na base do entendimento da fala e do gesto corporal, porque se apreende o significado da palavra como se apreende o sentido de um gesto. Nessa perspectiva, “eu não percebo a cólera ou a ameaça como um fato psíquico escondido atrás do gesto, leio a cólera no gesto, o gesto não me faz pensar na cólera, ele é a própria cólera”⁽³⁾. No entanto, “o sentido do gesto não é percebido do mesmo modo que, por exemplo, a cor do tapete. Se ele me fosse dado como uma coisa, não se vê por que minha compreensão dos gestos se limitaria, na maioria das vezes, aos gestos humanos”⁽³⁾.

Esse conhecimento permite compreender que o ser humano é singular com múltiplas possibilidades consigo e com o outro. Seu comportamento cria significações, e a fala é somente uma entre as outras. Assim, o comportamento depende das informações, dos conhecimentos, das crenças e das percepções do corpo. As coisas e o outro são percebidas pelo meu corpo, e este as acolhe e, também as suas ações e gestos que desenharam um sentido para mim. A linguagem é fundamental na percepção que se tem do outro como comportamento expressivo. Todo ser humano, sujeito falante, sensível, tem uma expressão e um jeito de habitar o mundo que lhe é próprio. A sua expressão cria um mundo intersubjetivo e estabelece um solo comum entre eu e outrem.

Ao optarmos por esse referencial filosófico, buscamos uma maneira para trilharmos o caminho, a fenomenologia da expressão, retornando ao conhecimento que podemos voltar as “coisas mesmas”⁽³⁾. Dessa maneira, voltadas à experiência, observamos que a fenomenologia possibilita olhar, descrever e compreender o fenômeno tal como se manifesta. Buscamos, na fenomenologia, estabelecer uma ligação com o fenômeno que está sendo vivido pelos docentes-enfermeiros/as “em seu mundo vida, uma experiência que lhe é própria”⁽⁴⁾.

Como recurso metodológico, utilizamos a fenomenologia-hermenêutica de Paul Ricoeur porque se fundamenta no vivido do ser humano, na vida científica e no reflexivo. O filósofo busca a verdade polissêmica do fenômeno nos níveis em que o compreender acontece⁽⁵⁾ e procura esclarecer a existência humana pela compreensão das

expressões simbólicas do ser humano, ou seja, “o sentido oculto no sentido aparente”⁽⁶⁾. Dessa maneira, a hermenêutica busca interpretar a linguagem pensada não por meio do que fala, mas do que esconde, procurando apreender a experiência vivida em sua totalidade.

Diante do exposto, desenvolvemos o presente estudo que teve como objetivo descrever o dito e o não-dito na compreensão da sensibilidade do ser-docente-enfermeiro/a no ensino da Enfermagem.

CAMINHO METODOLÓGICO

Este estudo, qualitativo fenomenológico, foi realizado em uma Instituição Pública de Ensino Superior do sul do Brasil. Foram 19 entrevistas, gravadas, com docentes-enfermeiros/as nos meses de novembro e dezembro de 2006. Iniciavam-se as entrevistas após os participantes terem recebido explicações sobre o objetivo da pesquisa e terem assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os docentes ficaram livres para participar ou não, de acordo com os aspectos éticos que permeiam a pesquisa com seres humanos instituídos na Resolução Nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde⁽⁷⁾. O protocolo de pesquisa foi aprovado pelo Parecer Nº 241/2006 do Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos.

Os/as entrevistados/as receberam codinomes de rios não geográficos, com intuito de preservar as suas identidades. Rios porque durante todo o estudo utilizamos a parábola *É observando que aprendemos*, que revela um monge, o qual solicita ao seu discípulo que observe o rio⁽⁸⁾. Nesse caso, as suas águas são: as palavras, o discurso, o texto. Assim, os entrevistados foram identificados com os nomes de Rios considerando como cada um permitiu-se mostrar: Sêrio, Tolerante, Diálogo, Razão, Confiança, Carinho, Saudade, Empatia, Emoção, Reflexão, Criatividade, Intencional, Cuidado, Dinâmico, Vida, Solidariedade, Rede, Correnteza e Paciência.

Com a entrevista acompanhada da observação das ações e expressões dos respondentes, foi possível ouvir além da fala dos docentes-enfermeiros/as, o que se mostrou um dos caminhos para sua compreensão. À medida que estavam mais confiantes, chegava à questão: o que significa para você a sensibilidade no ensinar e aprender a ser e fazer Enfermagem? Os dados foram analisados, compreendidos e interpretados em três esferas: a vida cotidiana, a científica e a reflexiva^(4,5). Assim, a análise e interpretação do discurso começam com a leitura inicial do texto, seguida da leitura crítica e, após da apropriação. A fenomenologia-hermenêutica de Paul Ricoeur volta-se para o mundo da vida e busca compreender o comportamento do ser humano.

Nesse sentido, a nossa escolha por essa abordagem possibilitou uma aproximação com o fenômeno, em seu próprio local onde se desenvolve o ensino da Enfermagem. As pesquisadoras puderam aprofundar-se no mundo vivido permeado de significações dos gestos, das ações e expressões, das relações e interações humanas, do dito e do não-dito. Quando observamos o movimento do outro, não o vemos como um movimento mecânico, mas como um gesto expressivo que nunca é apenas corporal. O gesto fala algo e remete-nos imediatamente à interioridade do sujeito. Dessa forma, nós apreendemos o outro nele mesmo pela experiência de vê-lo, tocá-lo, ouvi-lo e percebê-lo⁽³⁾.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentaremos o recorte dos dados qualitativos que emergiram

no estudo, acerca da sensibilidade nas relações e interações de ensinar e aprender a ser e fazer Enfermagem, mais especificamente, a categoria: A compreensão do ser-docente-enfermeiro/a referente à sensibilidade do ser humano e as sub-categorias: 1) percepção de si mesmo como ser-docente-enfermeiro/a; 2) percepção sensível do outro.

A compreensão do ser-docente-enfermeiro/a acerca da sensibilidade do ser humano

Os/as entrevistados/as tiveram como preocupação primeira a compreensão do ser humano como sujeito da sensibilidade. Ele foi compreendido como um ser-no-mundo, corpo sensível, sexuado; possui uma espacialidade e motricidade porque tem um jeito de existir com o outro; não é totalmente livre; é expressivo e fala pela sua gestualidade corporal; as suas palavras revelam as significações passadas que têm um sentido no presente que engendram novas expressões para o futuro; é um ser que se relaciona e interage com o outro no mundo da intersubjetividade; é misterioso, porque olha se vendo, toca tocando e é tocado; tem uma história e, por isso, busca o passado para recriar um presente.

Assim, ser humano é o ser-docente-enfermeiro/a, o ser-estudante e o outro que em seus discursos apresentam a maneira como o ser-docente-enfermeiro/a, sujeito da sensibilidade, compreende o ensinar e aprender a ser e fazer Enfermagem com o outro. Então, vejamos o que eles nos mostram:

a tua constituição com a tua história de vida, tua história familiar vai fazer tu ser mais ou menos sensível. Vai te constituir enquanto sujeito. E esta característica inerente ao ser humano da possibilidade da sensibilidade ela vai aparecer mais ou menos dependendo de como tu foste construído como ser humano. De como tu te construístes, como tu foste construído pela cultura, pelas relações familiares, sociais e pela história. (Rio Solidiedade).

O ser profissional é uma dimensão do ser humano. Se o eixo dele que é o ser humano não for respeitado. [...] essa questão do ser humano passa por tudo e às vezes dá crise porque a gente trabalha com ser saudável, mas a gente não está fazendo proposta saudável no cotidiano. [...] criar espaços para o ser humano discutir sobre o processo de viver saudável é uma forma de estar trabalhando a sensibilidade, despertar o cuidado de se olhar e a gente não está fazendo isso [...] É uma experiência extremamente necessária e isto é uma necessidade do ser humano pra ele se encontrar, encontrar o sensível, para se sentir. [...] tu corre o risco de perdemos no cuidado, com a saúde do ser humano pela nossa incoerência. (Rio Paciência).

sensível é aquele que lembra que o outro é um ser humano, também tem sentimentos, tem uma história, também é vulnerável ou que antes sabe que ele é assim, que o enfermeiro é assim, e que respeita os direitos, os medos, as inseguranças do outro, que procura providenciar coisas que fariam um bem para o outro, e mesmo coisas que a gente acha que não é cuidado (Rio Tolerante).

a sensibilidade atravessa um pouco as fronteiras não só da questão que se está percebendo do ambiente. Mas uma capacidade intrínseca do ser humano de se emocionar, de estar alegre, de se

comprometer com o outro, de flexibilizar muitas vezes umas situações que de outra forma seria muito rígidas (Rio Diálogo).

Percebemos que a compreensão da sensibilidade do ser-docente-enfermeiro/a permeia as relações e interações com o estudante no ensinar e aprender a ser e fazer Enfermagem, mostrando a complexidade do ser humano. Quando os Rios falam revelam que é necessário ter seriedade na relação com o ser humano, mas é preciso respeitar a sua maneira de ser para não invadir seus espaços. Compreendem que todo ser humano tem uma história de vida e a maneira como irá construí-la é que vai constituir-lo como sujeito da sensibilidade.

Nessa perspectiva, os ditos mostraram que o ser profissional precisa ser respeitado porque antes dele ser um profissional, ele é um ser humano. Merece atenção o aspecto em que o ser humano tem a capacidade intrínseca de perceber além do ambiente. Ele é capaz de sentir e emocionar-se porque é um ser sensível.

a minha relação com eles é muito mais professora; eu dificilmente sorrio e, eles reclamam disto. [...] mostrando a seriedade, talvez eu faça com que eles sejam mais sérios e que isto não é brincadeira, é um ser humano (Rio Sério).

lá no início de formação do aluno, de olhar aquelas questões desde a vestimenta, barba, cabelo, comportamento. Essas coisas mais do campo estrito, privado, pessoal. Uma invasão de certa forma da pretensão de formar um ser humano, um profissional com determinadas características morais e que isto ao longo do tempo ela vem se modificando e quer uma relação mais autoritária mais de, do professor definir a conduta [...] essa questão da preguiça, da vontade de fazer, da não vontade. Essas coisas é que fazem parte do patrimônio do ser humano. (Rio Confiança).

O dito revela que essa compreensão do ser humano faz parte da sua natureza que compartilha da mesma cultura, que traz na sua história a tradição de um comportamento condicionado e historicamente construído, de que não pode, em determinados momentos, expressar seus sentimentos e ser sensível. As suas vidas, hoje, encontram-se atribuladas e falta fé. Compreendemos que os Rios desejam criar espaços para que possam discutir sobre o processo de viver saudável, pois é uma maneira deles estarem trabalhando a sensibilidade. Assim, os Rios, com base nas suas histórias, compreendem que o outro também é um ser humano, o qual, apesar de desejar ocultar os seus sentimentos, deixa o corpo transparecer a expressão e fala ao outro e ao mundo.

Em seu fazer como docentes-enfermeiros/as encontram-se em situações de cuidado e de ensino e então descrevem em seu discurso como compreendem o ser humano nessa situação:

Um paciente que é um ser humano que merece respeito, muito cuidado. O cuidado, acho que passa por esse, essa preocupação de se envolver e ir mais além do que o cuidado físico cuidando só de um braço, de uma perna, mas cuidando de um ser humano todo. [...] a sensibilidade tem que estar muito aflorada. A gente tem que estar sempre pensando nela e ela é fundamental para esse cuidado que a gente tem que ter com o ser humano. [...] conhecimento técnico, procedimento técnico qualquer um pode

fazer. O enfermeiro tem que ir mais além. [...] o enfermeiro que a gente está formando. Ele tem que ter mais que conhecimento técnico. Tem que ter o conhecimento da sensibilidade, o emocional, envolvimento com o ser humano, a responsabilidade, o compromisso. (Rio Empatia)

lidar com clínica, com medicamento isto é fácil. [...] lidar com a sensibilidade, com respeito à vida humana, com respeito ao ser humano. Isto é muito difícil porque inclusive mexe com os nossos próprios valores! [...] a sensibilidade é ver aquele que recebe o cuidado como ser humano. [...] a questão de aprender a resgatar isso. Isso aí não tem sala de aula que ensine não! Acho que é ali no momento que você pode ensinar. (Rio Correnteza)

O dito desvela a sensibilidade como: cuidado sensível, empatia e respeito ao ser humano. Consideramos pertinente considerar que a filosofia merleau-pontyana mostra que na existência compartilhamos o mundo nas relações e interações com o outro num espaço inter-humano e intersubjetivo. O Ser Humano é compreendido como corpo próprio ou corpo fenomenal inserido no mundo agindo e o modificando, da mesma maneira que é influenciado e modificado pelo mundo. Ele é presença porque é um fenômeno corporal que possui movimento. Mas também é gesto e expressividade pois é um ser falante com um jeito de falar da sua história, que não se esgota e nem se repete a outros falantes. É sempre um sendo, singular, criativo e sensível.

Assim, compreendemos dos ditos do ser-docente-enfermeiro/a sua preocupação em desenvolver no outro como poderá ser um profissional para o cuidar sensível. Para eles/as o cuidar do ser humano trás à reflexão os nossos valores. Então, o profissional precisa ter seriedade, pois o outro também é um ser biológico, pensa, sente e manifesta os seus sentimentos. Ele é um ser complexo, ambíguo, aprende, acolhe e é acolhido, sensível, envolve, cuida e é cuidado.

Como vimos os rios revelam, em primeiro lugar, a sua compreensão com relação ao ser humano, seja ele o ser-estudante ou ser ao qual prestam o cuidado. Por isso, o ser humano vai aparecer em todas as suas descrições como ser-no-mundo-com-o-outro. Vão mostrar a percepção de si mesmo como ser-docente-enfermeiro/a e a percepção sensível do outro.

Percepção de si mesmo como ser-docente-enfermeiro/a

A maioria dos docentes-enfermeiros/as considera a necessidade de expressarem como se percebem. O significado de perceber-se como docente-enfermeiro/a revela o ser humano significativo do estudo, ao expressar a sua experiência no mundo do ensino da Enfermagem. Eles/as demonstraram nas suas ações e expressões que precisam ser escutados/as, pois quando encontram um espaço no qual existe aceitação do outro percebem que há valorização das suas emoções e, portanto do seu viver humano.

As emoções permeiam os diferentes domínios de ação que se move o ser humano e quando ele muda de emoção também muda de domínio de ação. Assim, quando o docente-enfermeiro/a estava sob certa emoção, ele fazia coisas que não faria e aceitam-se como válidos seus argumentos que não se aceitaria sob outra emoção⁽⁹⁾.

Observamos no não-dito dos docentes-enfermeiros/as o sorriso, o choro, a empolgação inclusive o bater na mesa. Assim compreendemos que as emoções e os gestos são indissociáveis da fala e do movimento corporal:

tenho um jeito de falar autoritário e quem sempre foi chefe não quer largar (sorriu). (Rio Dinâmico).

Tenho uma mágoa no sentido de... eu preciso me controlar com relação às atividades [...] eu sinto se eu abro a boca a coisa tem ruído já. Então, eu fico quieta! (chorando) [...] aprendi também que as pessoas têm o seu tempo. E, esse tempo vai vir. (Rio Carinho).

apaixonava ensinar aprender (empolgação) [...] é uma troca de afeto, de conhecimento que ao mesmo tempo a gente é parceiro. (Rio Paciência).

começando pelo respeito [...] a pessoa e não significa que eu como professora que em certos momentos eu seja bem (bate levemente na mesa) dura. [...] acho que isso não é falta de cuidado, falta de sensibilidade. [...] Eu tenho que ser mais ... suave para falar as coisas para as pessoas. Eu tenho que ter mais cuidado. [...] Tem determinados momentos que você ensina cuidado, mas que você tem que ser rigorosa! [...] Você tem que ser firme! (Rio Cuidado).

Nos ditos dos Rios, revelam-se suas percepções sobre a realidade. Aparece a consciência de como se percebem, pois os não-ditos revelam as suas intenções de um ser-no-mundo. Quando as palavras são ditas, elas desvelam o presente para nós e revelam um significado e um sentido que as habitam. Os Rios Dinâmico, Carinho, Paciência e Cuidado ao falarem sobre si revelam “um passado não é passado”. Ele só acontece quando a “subjetividade vem romper a plenitude do ser em si [...] Um passado e um porvir brotam quando eu me estendo em direção a eles”⁽³⁾. As suas histórias arrastam do passado as suas vivências e, assim percebemos que o presente confirma suas existências na intersubjetividade com o outro.

Dessa maneira, compreendemos que é a partir da subjetividade que observo outra subjetividade com os mesmos direitos delineados no meu campo perceptivo desenhando a conduta do outro. Nosso corpo é a própria atualidade do fenômeno de expressão, é a textura comum de todos os objetos, é o instrumento geral de minha compreensão. Do nosso modo de ver, o que ocorre é necessário e inevitavelmente relacionado a certos fenômenos de nossa vida. O projetar para o outro e para o mundo, pelo meu corpo, ocorre pela linguagem que acontece nas situações de encontro, permitindo-me dialogar com o outro.

Por isso, a palavra não é diferente do gesto que ela induz. Ela é presença, aparece como imagem e abre espaço em nosso corpo, que dispõe de superfícies sensíveis, as quais nos possibilitam remetê-lo ao seu lugar no mundo. O corpo faz soar a todos os outros e oferece às palavras a sua significação, por meio da qual ele as aceita. Logo, “meu corpo toma posse do tempo, ele faz um passado e um futuro existirem para um presente”⁽³⁾.

Percepção sensível do outro

A vivência de ser-docente leva-os a expressarem seus sentimentos em relação ao significado do outro. Eles revelam que as suas experiências não estão longe das suas histórias de vida. Em seus depoimentos, utilizam as palavras que trazem à tona as suas emoções mais profundas. Ao falarem lembram das suas experiências, resgatam um pouco das suas histórias que são repletas de sentimentos. O

sentir possibilita a consciência da sua existência que é manifestado por uma expressão, uma acentuação e variação da entonação da voz. A expressão da voz com acentuação marcada do tom pode demonstrar ambigüidade, pois os gestos revelam que o ser humano é capaz de mudar de um código a outro de linguagem quando isso vem ao encontro de suas necessidades.

A seguir, os ditos e os não-ditos revelam ações, expressões e percepções dos Rios Dinâmico, Vida, Rede, Solidariedade e Saudade em relação ao outro, o ser-estudante.

no outro grupo a gente teve uma relação muito difícil professor-aluno. Tudo que a gente falava isto era discutido de forma negativa, a gente tinha que manter aquela flexibilidade (ênfase na voz). Tu pedes uma coisa eles não trazem. [...] não fazem as leituras. Uma relação bem difícil. (Rio Dinâmico).

Então, você fica numa correria pra fazer alguma contribuição na formação. [...] Se ele fica até uma hora da manhã ele acha que é uma tragédia (ênfase na voz), mas ele não consegue olhar que ali do outro lado o estudante de engenharia ou estudante de Medicina vão dormir às cinco da manhã. Não é. Então, ele chora, consegue olhar só pra ele. (Rio Vida).

É congresso, eventos, palestras, atividades em escolas. Ele não fica tão restrito. Ampliou esta rede (olhos brilham). [...] são outros atores né (Rio Rede).

[...] as pessoas achavam muito estranho aquela relação tão forte, tão de amizade que nós tínhamos. Então, tinha uma solidariedade, uma preocupação com o outro e ao mesmo tempo a gente aproveitava e tinha muita satisfação (fala rápida). No outro dia podia estar com o corpo cansado, mas com a mente satisfeita, relaxada e tinha uma coisa que eu achava importante que era essa solidariedade (sorri) (Rio Solidariedade).

[...] parece que é sempre a mesma coisa. Nunca é a mesma coisa. As pessoas são outras, os momentos são outros. [...] aquele desafio é que não tem que ser eu que tenho de convencer o outro porque eu estou aqui, porque é necessário. [...] hoje eu já não tenho essas preocupações (sorri) (Rio Saudade).

Nos ditos e não-ditos dos docentes mostram-se as emoções expressas na ênfase da voz, na fala rápida, no sorriso e no brilho do olhar, quando revelam as relações e interações com o outro, ser-estudante e ser-docente. É possível perceber a contrariedade que sentem quando os estudantes não correspondem as suas ações. Por outro lado, o Rio Rede revela por meio de seus olhos brilhantes, que as suas ações podem ampliar a rede, e isso tem um significado para o estudante. Já os ditos dos Rios Solidariedade e Saudade expressam muito mais os não-ditos pelo sorriso, pois demonstram o contentamento por serem aceitos e compartilharem espaços de convivência de aceitação do outro.

Os discursos são acompanhados pelas disposições corporais que se estabelecem pelos domínios de ações. O ser humano “se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional” o qual se “constitui nas coerências operacionais dos sistemas argumentativos que construímos na linguagem, para defender ou justificar as nossas

ações”⁽⁸⁾.

Certos ditos são acompanhados pelos não-ditos expressos pelo riso, pela ênfase na voz, pelo olhar triste quando os Rios manifestaram as suas relações e interações com o estudante. As suas concepções são aceitas porque estão relacionadas à cultura num determinado tempo da história. Assim, considerando os ditos, percebemos que os docentes estão buscando compreender o estudante como modos de relação humano, compartilhando história e convivência instigada pela emoção.

Entre os ditos e não-ditos percebemos, no ambiente do ensino da Enfermagem, os significados das situações vivenciadas nas relações e interações do estudante com o outro as quais são permeadas pela confiança, medo e insensibilidade. O ser humano sofre influência do ambiente, assim como o influencia. Para alguns docentes lidar com as limitações impostas pelo ambiente e pelo outro no cotidiano de ensinar e aprender a ser e fazer Enfermagem não tem sido uma tarefa fácil. Fica evidenciado, a seguir, nos ditos e não-ditos revelados pelas emoções expressas no sorriso do Rio Emoção, na ênfase na voz do Rio Reflexão e no olhar triste do Rio Criatividade:

Eu não consigo ser insensível a uma queixa, a um sofrimento do aluno. Sabe, às vezes, incompetência de deixar se enganar, de ser iludida. [...] chega e me diz: ah, professora, eu estava assim, eu estava ruim, com dor de cabeça. Eu vou lá, sento com ele, converso e acredito naquilo que ele está me dizendo. (Rio Emoção).

Medo de fazer técnicas (ênfase na voz). Medo de machucar o paciente. [...] No ensino a gente tem que ter muita sensibilidade [...] trabalhar com o aluno lá, pegar a mão dele. Muitas vezes eu pegava a mão e é assim ó. Ele só está fazendo isso, não está machucando assim. (Rio Reflexão).

[...] quando o aluno por ventura atrasa e a gente tem aquele compromisso de estágio. Chega, entra. Eu vou tomar satisfação, eu estou te aguardando pra você se manifestar a respeito do atraso, da não vinda sei lá, dois ou três dias te esperei. (Rio Criatividade).

E, ainda, as relações e interações vivenciadas pelo docente no ensinar e aprender a ser e fazer Enfermagem com o estudante tem a ver com o seu desenvolvimento como pessoa. Por exemplo, como ser capaz de criar espaço humano de convivência com o outro, com respeito por si mesmo de maneira que possa contribuir, pois não tem receio de desaparecer na relação⁽⁸⁾. Os rios Emoção, Reflexão e Criatividade desvelam a preocupação com o outro porque estão conscientes de seu ser social e de que o mundo em que vivem surge com o seu viver⁽⁷⁾.

Assim, compreendemos que a finalidade de ensinar e aprender a ser e fazer Enfermagem, para os docentes, é formar seres humanos de maneira que o outro possa confiar e respeitar a partir de sua consciência social e possuir um comportamento ético⁽⁸⁾.

Dessa forma, o olhar do docente precisa dirigir-se não só para o resultado de ensinar e aprender a ser e fazer Enfermagem, mas também ao acolhimento do estudante, pois assim o ensino estará centrado na racionalidade estética e não na racionalidade técnica. O ensino necessita ser vivido pelo docente e estudante como um espaço de ação acessível ao seu fazer Enfermagem, como um convite a olhar esse fazer e suas consequências com liberdade para mudá-lo em

qualquer momento, porque o que está em jogo é a capacidade de levar o discente a refletir e não somente a mudança de seu ser. Esta acontece nas relações e interações com o outro. Dessa forma, as emoções, manifestadas pelos docentes em suas falas, são dinâmicas corporais e, por isso elas podem ser percebidas de acordo com os domínios de ações que as constituem⁽⁸⁾, vejamos:

a tutoria foi construída pela necessidade em função dos professores [...] número reduzido de professores efetivos [...] os professores com a idade já com o vigor diminuído [...] muitas atividades requisitadas de pós-graduação [...] de produção (suspiro) [...] daquela falta de vigor e do tempo [...] no hospital e não dava ânimo para outras coisas [...] o Departamento pensou que a figura do professor substituto viria ajudar a reduzir a nossa carga horária para fazer outras coisas [...]. (Rio Tolerante).

está sendo muito bom essa divisão de ter tutor, porque facilitou [...] O professor agora tem mais tempo de escrever seus artigos, fazer pesquisa e atuar na pós-graduação com mais tranquilidade, porque não precisa estar com o aluno o tempo todo [...] estava muito mais perto do aluno (mudou o olhar) [...] o papel do professor não pode ser assim. (a voz embargou) [...] o papel do professor da casa, o efetivo, o substituto está fazendo [...]. (Rio Sérico).

o professor substituto se sente supervisionado (expressão séria) [...] às vezes o aluno se sente questionando porque que eu estou lá só pra olhar e não estou lá pra ficar [...] a proposta é mais de apoio pedagógico [...]. (Rio Dinâmico).

Eu tenho uma mágoa muito grande! (falou chorando) Tenho uma mágoa no sentido de... eu preciso me controlar com relação às atividades do Departamento (chorou) para não ouvir tudo aquilo de novo, entendeu. (chorou) Às vezes eu fico tu está te omitindo, tu não pode. Sabe aquela coisa, mas eu não faço mais isto, o que querem (chorou muito). (Rio Carinho).

Percebemos a emoção quando os Rios revelaram que têm a responsabilidade de respeitar a si mesmo e ao outro, não necessitando justificar as suas existências ou suas atividades, embora expliquem os motivos pelos quais precisam realizá-la. O respeito só acontece quando forem aceitos pelo outro. De outro modo, percebemos o não-dito expresso no suspiro, na mudança de olhar, na voz embargada, no olhar lacrimejante, na seriedade e no choro dos Rios.

A convivência torna-se fácil quando os Rios não negam a existência do outro. Eles optam pelo viver com o outro. Compreendemos que os Rios sentem que é necessário acontecer mudanças nos seus comportamentos, reagir contra uma realidade aparente, pois só assim haverá aceitação do viver. O outro necessita ser acolhido, escutado para conseguir enfrentar as mudanças em suas vidas tão importantes para o crescimento pessoal e profissional. O outro é um ser humano e, por isso tem o seu jeito próprio de ser, agir e pensar. Logo, o outro precisa ser respeitado. A convivência vai se delineando no mundo da vida, pois há necessidade de superar alguns conflitos no mundo de ensinar e aprender a ser e fazer Enfermagem.

Ainda, não entendeu alguns papéis que têm desenvolvido no ensino da Enfermagem. Compreende que há perspectivas de resgatar o outro como sujeito, ter espaço para expressar-se e ser ouvido.

Sabe que as metodologias ativas são uma outra modalidade de ensinar e aprender a fazer Enfermagem e, que vieram para aliviar a sua sobrecarga de trabalho frente ao estudante, uma vez que sua vitalidade está diminuindo.

A vivência experienciada possibilita as trocas com o outro e com o ambiente. O ser humano aprende nas relações e interações com o outro que pode escolher o que é bom ou ruim para si. A maneira como os Rios e o outro percebem a aceitação do outro trará repercussão no conviver como ser-no-mundo.

O outro, em Merleau-Ponty, faz parte de meu corpo, não está em mim nem fora. Ele está na frente, ao lado e atrás; faz parte de meu sentir e, assim como eu, ele faz uma extensão com o mundo. O filósofo mostra que somos uma única intercorporeidade, porque somos extensões como as partes de um mesmo organismo. Todas as partes são extensões uma das outras. Por isso, o outro faz parte deste mundo como nós, pois o mundo nos é comum. O outro, assim como nós, é um ser de generalidade, ou seja, um ser impessoal. O outro torna-se presença para mim pelo diálogo nas relações e interações na intersubjetividade. O outro também é um corpo, uma subjetividade e um tempo natural com uma história, um comportamento, uma cultura e está inserido no mundo. Portanto, o meu corpo é que vai encontrar o do outro, pois existe uma continuidade das minhas intenções. Dessa maneira, o corpo possibilita abertura (intencionalidade), que nos dá condições concretas de existir e ser coexistência com o outro (intersubjetividade). Com isso, toda ação que o ser-docente-enfermeiro/a e o outro imprimem é uma extensão do corpo, pois as suas idéias, a consciência e reflexão são inseparáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fenomenologia nos possibilitou revelar o mundo vivido, em que estamos, onde acontecem as nossas histórias, as decisões, as ações, as relações e interações com o outro. Assim, a compreensão do mundo do ensinar e aprender a ser e fazer Enfermagem levou-nos a reaprender a observar o mundo da vida, pois é nele que damos sentido para viver. Esse mundo é rico de descobertas do dito e do não-dito. A beleza está nas trocas com o outro que se realizam nas relações e interações tão ricas de significados. O que é complexo, dinâmico, intencional nas relações e interações com o outro.

O Ser Humano, nesse estudo, é o sujeito da sensibilidade que vivencia as relações e interações com o outro no mundo de ensinar e aprender a fazer Enfermagem. É um ser complexo, biológico, cultural, que pensa, sente, manifesta seus sentimentos, é próximo, sério, sensível, responsável, respeita, compartilha experiência, envolve, acolhe e é acolhido, desperta saudades porque tem uma história. Também tem sensibilidade pela vida humana, pois ele cuida e é cuidado pelo outro.

A percepção de si mesmo como ser-docente-enfermeiro/a revelou que está numa fase de reencontro com ele mesmo. Isso mostra que ele/a está aberto/a para compreender as ações e expressões do outro e, também, é capaz de realizar mudanças no seu cotidiano. Para tanto, ele/a deseja ser reconhecido pelo outro como um ser humano em todas as suas dimensões.

O ser-docente percebe que o outro é um ser humano que traz uma história, reconhece as intenções pelas suas ações e expressões no mundo. Ele está buscando outras maneiras de ensinar e aprender

a fazer Enfermagem que sejam fundamentadas na solidariedade, responsabilidade e sensibilidade, pois é ele quem ensina e aprende com o discente a cuidar de outro ser humano.

As experiências de cada ser-no-mundo são singulares e acontecem a partir da linguagem estabelecida culturalmente pelas relações e interações com o outro. O corpo vivido é expressão, gesto e linguagem. Assim, o ser-docente-enfermeiro/a que aprende a abrir-se para a vida explorando todas as suas dimensões, não perde oportunidades nem desafios que surgem nas relações e interações com o outro.

Na dialética do mundo da vida, os docentes-enfermeiros/as mostraram que a sensibilidade é poder olhar o outro e saber qual a melhor maneira de ensinar e aprender a ser e fazer Enfermagem. Eles estabeleceram trocas no processo educativo adaptando estratégias a cada momento e mostraram que é preciso estar receptivo para ajudar, contribuir na medida do possível atendendo as

necessidades do outro, porque a formação do estudante há de ser o reflexo do profissional.

Nessa perspectiva, a contribuição deste estudo aconteceu em diferentes instâncias do ensinar e aprender a ser e fazer Enfermagem, no sentido de mostrar que a sensibilidade é um caminho possível no qual docente e o outro convivam em um ambiente de trocas que influencia as ações e expressões de cada ser-no-mundo. Também, revelou a importância do aceitar e respeitar o outro auxiliando a superar mutuamente os desafios do cotidiano da Enfermagem.

Compreendemos que sem a sensibilidade, as relações e interações no ensino da Enfermagem não passarão de técnicas e teorias sobre o cuidado. O que reitera a certeza de que ensinar e aprender a ser e fazer Enfermagem exige do ser-docente e do ser-estudante cultivar a sensibilidade nas relações e interações com o outro, como base para ser, fazer, pensar, cuidar e pesquisar, tanto no cotidiano acadêmico, como também, no assistencial.

REFERÊNCIAS

1. Müller M. Merleau-Ponty: acerca da expressão. Porto Alegre : EDIPUCRS; 2001.
 2. Merleau-Ponty M. A prosa do mundo. São Paulo: Cosac & Naify; 2002.
 3. Merleau-Ponty M. Fenomenologia da percepção. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 1999.
 4. Silva JMO, Lopes RLM, Diniz NME. Fenomenologia. Rev Bras Enferm 2008; 61(2): 254-7.
 5. Ricouer P. Teoria da interpretação. Rio de Janeiro: Edições 70; 1976.
 6. Ricouer P. Interpretação e ideologias. 4ª ed. Rio de Janeiro: F. Alves; 1990.
 7. Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde. Resolução n o 196, de 10 de outubro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Bioética 1996; 4(Supl 2):15-25.
 8. Rangel A. As mais belas parábolas de todos os tempos. Belo Horizonte: Leitura; 2002.
 9. Maturana H. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: UFMG; 2002.
-